



II Simpósio Internacional Interdisciplinar em Ciências Sociais Aplicadas
22 a 24 de novembro de 2017

GT2: CIDADANIA E CULTURA

CULTURA POLÍTICA E PARTICIPAÇÃO SOCIAL: UMA QUESTÃO DE MÉTODO, PESQUISA E CIDADANIA

Antônio Marques do Vale (UEPG); Email: antoniomarquesvale@gmail.com
Ignês Amorim Figueiredo (UEPG); Email: ignesholismo@yahoo.com.br

TEMÁTICA: MÉTODO, PESQUISA E CIDADANIA

RESUMO: A pesquisa teve como objeto a experiência de pesquisa e o próprio método aplicado segundo contribuição da fenomenologia crítica e interlocução com o marxismo; na pauta principal, análises em torno à complexidade da realidade e ao próprio círculo hermenêutico. Objetivo, valorizar o trabalho do docente pesquisador, histórias de luta por educação, cidadania, movimento social. Problema levantado foi o desafio da realidade quando impõe relações autênticas, justiça, participação cidadã, diálogo/debate. As análises revelaram que o movimento social foi processo social quase sempre minimizado pela sociologia predominante, ocultado pelos textos escolares. Heidegger, Luís Segundo, Vigiani Bicudo, Ellacuría, Sobrino, abraçando o método fenomenológico, tratam do "círculo hermenêutico", pedem "sinceridade com a realidade", reclamam respeito à cidadania de todos. O trabalho ressaltou Paulo Freire com os "círculos de cultura"; toda pessoa compartilha, em "abertura" ao mais, esforço, doação, escuta: recebi muito, devo repartir. As pesquisas salientam a religião, realidade que exige melhor tratamento. Acentuando a totalidade (relações, rede, complexidade), forçam ao diálogo/debate entre referenciais: destacam categorias como "relações", "diálogo", conforme Freire, Gramsci, Habermas; "análises", "interlocução", em Marx, Engels; "leitura crítica": base em Freire e Gramsci. Os resultados da pesquisa interessam às ciências humanas e sociais.

Palavras-chave: Ciências humanas e sociais; fenomenologia crítica; pesquisa; educação; resistência.

1. INTRODUÇÃO

Neste trabalho, sobressaem a proposta metodológica e analítica da fenomenologia e a visão dialética da realidade (cunho marxista) que ela favorece. Ganha peso uma proposta contra-ideológica, produtiva para quem examina honestamente os modernos projetos de pesquisa educacional. Mais central, a categoria do "materialismo aberto", presente em Zubiri e seu discípulo Ellacuría. Com a reivindicação pelos pressupostos filosófico-metodológicos na teologia do padre jesuíta espanhol-salvadorenho, Jon Sobrino.

Este artigo, ressaltando a busca de uma profunda e sincera visão humana, sociocrítica, tem em vista apoiar a luta de povos inteiros da América Latina; e reclama investigar o universo cultural e simbólico, com o que melhor se desenha o círculo hermenêutico, completado (ou quase) em especial nos debates realistas entre fenomenólogos e marxistas. A circularidade dialética recorda a



pedagogia libertária de Freire (“círculo de cultura”), numa educação contra a alienação e a opressão. E então o contexto de Brasil, onde a pesquisa educacional é sempre instada a fazer-se solidária com base em análises profundas.

Este método de investigação pode ser definido como hermenêutico e genealógico, dentro da própria fenomenologia, e pode revelar grande riqueza neste momento sociopolítico nacional de ilegítima tomada do aparelho do Estado. O trabalho discute o detrimento do princípio de alteridade, quando já nem cabem as questões sobre lugar e futuro das maiorias trabalhadoras. Destaca-se que relações em rede e totalidade obrigam a buscar profundidade na pesquisa sobre educação solidária e universidade, protestos populares, debate entre referenciais. Como resultado, se espera nova sinceridade perante os elementos todos da realidade; e, portanto, aprofundamento sobre a interioridade humana e a fé, para promover novas experiências de pesquisa unidas a compromisso com a cidadania de todos. Essas expectativas e os propósitos metodológicos do trabalho marcam a distribuição dos materiais apresentados sob os títulos a seguir.

2. UMA POSIÇÃO DIALÉTICO-CRÍTICA, NA ABERTURA AO DIÁLOGO E DEBATE

A pesquisa seleciona debates bem atuais em ciências humanas, com particular cunho sociopolítico e econômico. Importantes as teorias e as práticas de Marx e Gramsci, Freire e Habermas, mas também Zubiri, Luís Segundo e Sobrino.

Karl Marx advertiu o mundo ocidental sobre como a burguesia se apoderou dos meios e bens de produção e também desvelou os jogos ideológicos da mesma burguesia mercantil e capitalista. Analisava as reais relações numa formação social.

Admitindo revisões do marxismo e das práticas regionais, adquire importância a obra da Escola de Frankfurt para os estudos sociopolíticos e psicoculturais. Hoje, os debates ganham pelo encontro “político” com Habermas e a análise de contextos; diretor do Instituto frankfurtiano, tinha os pés no chão, e talvez por isso mesmo conseguiu estabelecer um diálogo com Kant e kantianos sobre intersubjetividades e ação comunicativa. Debate e força de argumentação serão temas enaltecidos por um amigo seu, Karl Otto Apel.

Os pés no chão. Sem ceder a “elitismos” duvidosos ou fugir ao cotidiano, os trabalhos de pesquisa têm de voltar-se para os “clássicos” supramencionados. Até Gramsci reconheceu em Hegel o ensinamento “oral” e uma vivacidade “conservativa”; do debate entre os vários resultados de pesquisa, porém, se deve chegar a opções verdadeiramente cidadãos e, pois, favoráveis a todos os oprimidos. Um trabalho de metodologia em ciências sociais tem de manter o caráter prático-crítico – caráter ao qual Hegel um pouco se aproximou na sua Fenomenologia do Espírito – da análise empírica insistente e teimosa.

Edmund Husserl defendeu uma certa tendencialidade, uma estrutura binária, dialetizada de totalidade, que passou validamente à Fenomenologia



posterior, ainda que diferentes fossem os graus de compromisso com o social de todos. É estrutura de totalidade – referência recíproca e premente entre sujeito e objeto, a forçar novas investigações – que aponta para suspeita e vigilância. Isso vem igualmente em Zubiri, o qual também foi tido, afinal, como grande metafísico – metafísico que prescrevia um exame sincero da insuprimível realidade material e humana. Sinceridade confessa, relação documentável com Marx, sem desejar fazer de Marx um herói da caridade (como pareceu desejar o Kautsky de um momento estoico- pacifista). Em Zubiri, e na fenomenologia realista e crítica da América Latina, predomina a impositividade das “circunstâncias” – e a fidelidade ao real é detectada ainda em Sánchez Vásquez, ora marxista, ora fenomenólogo, mas sempre fiel ao cultural e ao cotidiano dos oprimidos que lutam.

Cabe aqui lembrar Paulo Freire (1980; 1981): falando de compromisso, não admite a “mudança da mudança”, pois o que muda é aquilo com que alguém pode defrontar-se, o real estável e oferecido. “O único que permanece na estrutura social, realmente, é o jogo dialético da mudança-estabilidade” (1981, p. 46). Por isso, Freire pode ser tomado como um crítico dos equívocos da Escola Nova de John Dewey: criticando o mau uso do verbo “adaptar-se”, aplicável a trabalhadores e imigrantes, rejeita a submissão ao progresso interessado ou interesseiro das elites várias que, ao abraçar o novo, nada mais pretendem do que, simplesmente, extinguir o que é velho.

3. A FENOMENOLOGIA E O CÍRCULO HERMENÊUTICO PARA EXPLICAÇÃO DA REALIDADE

Este artigo, conforme o método fenomenológico da fidelidade à “circunstância” e das relações em rede, cobra a “descrição” feita pelos simples e oprimidos; bem por isso, se fala de profundidade: pesquisa, compromisso e luta, educação ampla, firmeza no propósito de dialogar/debater com pessoas e com referenciais teóricos. É exigente a sinceridade perante os elementos todos (ou dimensões) que “compõem” a realidade humana. A pesquisa busca a essência das coisas e como são elas interpretadas pelo mundo: sem fugas, sem abandono da história, humilde nas contradições e questionamentos e, em suma, pelo oprimido que se afoga em problemas ou misérias.

Ampliando os campos de análise, usando da imagem e do método do círculo hermenêutico, a pesquisa compreende o homem e o mostra como cultura, tradições, costumes, opções morais, história de pessoas comuns; enfim, consegue defrontar-se com a realidade da marginalização perante um sistema dominante. O círculo hermenêutico repropõe a mediação das relações entre a parte e o todo: se oportuniza uma leitura reflexiva da sociedade como um todo, também recorre ao fragmento e ao que é parte; pela parte também se compreende ou se abraça o todo (TAYLOR, 1985, p. 18). Trata-se, no círculo hermenêutico, de buscar análise criteriosa de sociedade complexa, multicultural, sujeita a várias concepções historiográficas e perspectivas. A pesquisa oferece, pelo círculo hermenêutico, a oportunidade de uma visão aberta: um ideal pode unir os diferentes, mas também uma cultura dominadora pode sufocar pessoas e grupos discriminados, e assim por diante. Sem romantismos, a fenomenologia



pode, historicamente, comprometer-se com causas justas; e melhor o faz quando busca manter honesta e teimosa interlocução com o marxismo.

Um exemplo de resgate, contra a antiga retórica e por uma relação circular se vê na passagem da arte de falar para a arte de refletir e compreender. Também aí um movimento de mão dupla: busca por resultado, início de processo, retomada, ferramenta de problematização, visão de mundo mais superação por novas interpretações. Fenomenologia é desafio permanente contra os que se acomodam. Essa percepção também em Gadamer: os preconceitos e pré-compreensões, que o intérprete a priori estabelece, se confrontados com um texto (realidade, objeto), são colocados à prova e clamam pela aproximação a uma nova coerência. Gadamer insiste que o círculo hermenêutico proporciona um espaço constante para que indivíduo e comunidade reconsiderem velhos padrões e costumes; reprojeta-se a vida a partir, sim, de conceitos prévios, os quais, porém, ao longo da história, até se revelaram fugazes ou obsoletos a exigir correções e substituições. O círculo hermenêutico, adotado nas pesquisas de várias disciplinas da área de humanas, pode facilitar a compreensão da história do homem em sociedade, sem suprimir a inerente complexidade. (GADAMER, 1998, p. 57).

Freire disse, por sua vez, que a consciência crítica aceita o velho ou o novo, na medida em que seja demonstrada sua validade. A insistência, na pesquisa em geral e nesta pesquisa, é pela firmeza na atitude de respeito ao outro – exigência da interlocução –, sem esquecer que a realidade e a sincera investigação da realidade podem suscitar conflito e, até mesmo, chocar. (FREIRE, 1981, p. 40-41).

4. EXPERIÊNCIA DO PROFESSOR-PESQUISADOR: EDUCAÇÃO PARA A CIDADANIA

A pesquisa em orientada salienta as experiências do poder, especialmente econômico, e as experiências de disputas em geral interessadas; a cada vez, consegue alertar os mais jovens que muitos deles não se apercebem dos jogos de poder, jogos que outros preferem ocultar. Em educação, há que aprender a enfrentar ambas as realidades, e para isso a formação nas ciências humanas e sociais leva tanto à reflexão como à ação; em resumo, tais ciências levam ao preparo para defrontar-se com tensões e, ao mesmo tempo, para estar vigilante. Os pressupostos filosóficos acompanham todo avanço em ciências sociais.

Um exemplo vivo de busca pelas ciências sociais é o da UNESCO: também nela, ou nela em especial, se notam os jogos de política e poder, manutenção conservadora de interesses e de culturas. Antes de cada Conferência da Entidade, se vão fortalecendo grupos de pessoas, ou apurando filtros, segundo as delegações de uns e outros Países, em especial dos Países com maior participação no financiamento da mesma Entidade (EUA, Grã-Bretanha, Rússia). Entretanto, a palavra diretriz no âmbito das Conferências, foi sempre o diálogo, aliás, o diálogo educativo. O diálogo educativo, em especial, porém, no intuito de revisar o mapa do poder, até mesmo para ocultar a força do Projeto-Propaganda dos Estados Unidos (consulte-se Noam Chomsky).



**II Simpósio Internacional Interdisciplinar em Ciências Sociais Aplicadas
22 a 24 de novembro de 2017**

A experiência religiosa dos pesquisadores também faz repensar questões envolventes sobre a fé cristã e a vivência comunitário-eclesial de numerosos homens e mulheres “sem-poder” (mas lutadores). Exemplo vivo o de El Salvador. Sem pensar nas resistências de cristãos à ditadura militar que, após 1964, durou vinte anos no Brasil. Essas várias experiências são de consolidação de lutas dos movimentos sociais: a toda hora, os movimentos estão dentro de um turbilhão, o das ideias em conflito, o das ideologias que, positivamente, servem para firmar posições, denunciar abusos econômicos de grupos e corporações e até animar resistências. As resistências, consagrando a participação cidadã inteligente e refletida, permitem a um maior número o viver e o sobreviver.

Na América Central e pelo mundo afora, se tomou a sério que não era nem humano nem legítimo submeter-se às classes altas, armadas, ou aos norte-americanos. Surgiram respostas graves, enquanto, do outro lado, os senadores aprovavam a manutenção do poder norte-americano sobre o Istmo. Houve resistências, e não só de pipiles ou maias, mas de variados estratos de população. Em El Salvador – tendência fortemente católica, mas com o reforço participativo de protestantes (metodistas) –, se mobilizaram efetivamente muitos cristãos, em aliança crítica com generosos marxistas.

Ora, no filosofar, como na fé e na religião (esta última também é histórica na sua essência), o ser humano pretende investir-se de nova dignidade na sua existência de Homem/Mulher. O círculo de relações abre espaço para resgatar uma discussão inicial em torno àquelas categorias de Freire: profundidade; aprofundar, investigar; analisar; visão crítica da realidade; libertação.

A diversidade às vezes carreou um incômodo em meio à população e também nas escolas. A pesquisa fica longe de verificar ótimo entendimento quanto a juízos ideologizados sobre o desenvolvimento do País. Jovens acrílicos concedem demais àquilo que se chamou o projeto elitista ou mesmo industrializante da burguesia. (VALE, 2006). As reflexões e o diálogo/debate cresceram sensivelmente, então, com a investigação a partir do “conceito de ajuda” que é o “círculo hermenêutico”. Muitos avanços fizeram amadurecer posições pessoais ou grupais. (VÁSQUEZ, 1989, p. 2). Quanto ao crescer, se pode dizer • não obstante as ambiguidades, até devidas a expressões culturais positivistas no Brasil • que é humanamente produtivo acolher de modo crítico, com base em argumentação serena, as expressões religiosas e as muitas fés, elas mesmas em debate entre si; como também ressaltar a marca libertária na fé católica e na transcendência bíblico-cristã.

Às vezes, já começa cedo, na sala de aulas, um debate que se espera dê fruto; é o começo de conversa para incrementar a reflexão filosófica em torno às muitas dimensões da existência humana. Ao mesmo tempo, é libertador sentir um modo novo e coerente do agir cidadão e exultar com o clamor da luta dos oprimidos.



5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa, na área das ciências humanas e sociais, apontou para a relevância do método e a importância de investigações e ação, caminhos de recíproca implicação para a participação política e cidadã. O círculo hermenêutico, como instrumento, facilita e estimula o debate entre indivíduos, grupos, áreas de conhecimento e, enfim, a ação. Em toda interpelação, um texto fala e responde: movimento de mão dupla, pelo qual as ciências humanas e sociais podem captar em profundidade a história, a sociedade, cada pessoa, sem perdas ou prejuízos em termos de alteridade. A ação consequente deve resultar no compromisso ético com a organização transformadora mais ou menos abrangente e, pois, no reforço de opções encetadas pelo movimento social.

A visão crítica da realidade possibilita a defesa simples das maiorias, (ou também minorias), como também autoriza fortalecer sentimentos de pertença, fomentando relações autênticas de grupos com liberdade e participação solidárias.

REFERÊNCIAS

ARANHA, M. L. A.; MARTINS, M. H. P. **Filosofando**: Introdução à filosofia – Manual do Professor. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2003.

BOFF, L. **Nova evangelização**: perspectiva dos oprimidos. 2. ed. Fortaleza: Vozes, 1990.

_____. **Tempo de transcendência**: o ser humano como um projeto infinito. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

CHAUÍ, M. **Convite à filosofia**. 13. ed. São Paulo: Ática, 2003.

CHOMSKY, N.; MITCHELL, P.; SCHOEFFEL, J. **Para entender o poder**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

DEMO, P. **Saber pensar é questionar**. Brasília: Liber Livro, 2010.

FREIRE, P. **Conscientização: teoria e prática da libertação** – uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Moraes, 1980.

_____. **Educação e mudança**. 3. ed. Trad. Moacir Gadotti; Lilian Lopes Martin. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

GADAMER, Hans-Georg. **O problema da consciência histórica**. Org. Pierre Fruchon. Trad. Paulo César Duque Estrada. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

GRAMSCI, A. **Concepção dialética da história**. 2. ed. Trad. Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.



II Simpósio Internacional Interdisciplinar em Ciências Sociais Aplicadas
22 a 24 de novembro de 2017

HABERMAS, J. **A ética da discussão e a questão da verdade**. Trad. Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. **Técnica e ciência como “ideologia”**. Trad. Artur Morão. Lisboa: Edições 70, s/d.

HEIDEGGER, M. **Martin Heidegger: conferências e escritos filosóficos**. Trad. Ernildo Stein. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

HEGEL, G. W. F. **Georg Wilhelm Friedrich Hegel: Estética (A ideia e o ideal); Estética (o belo artístico ou o ideal)**. Trad. Orlando Vitorino. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

KANT, I. **Teoria y práxis**. Trad. Carlos Correias. Buenos Aires: Editorial Leviatán, 1984.

MARX, K. **Karl Marx: para a crítica da economia política; do capital; o rendimento e suas fontes**. Trad. Edgard Malagodi. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã (Feuerbach)**. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 1987.

TAYLOR, C. **Human Agency and Language**. Cambridge: Cambridge University, Press, 1985.

VALE, A. M. **O ISEB, os intelectuais e a diferença: um diálogo teimoso na educação**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

_____. Abordagem sobre um tema complexo de História: a relação entre finalidades da educação, poder e interesses. **Revista Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 4, n. 1, 2008, p. 41-50.

VÁSQUEZ, A. S. **Ética**. 10. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987.

_____. **Filosofia e circunstâncias**. Trad. Luiz Cavalcanti de M. Guerra. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

_____. **Filosofia da Práxis**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

ZUBIRI, X. **Inteligência sentiente, inteligência y realidad**. Madrid: Alianza Editorial, 1984.